

Líderes do PFL e do PMDB conversaram intensamente

Entendimento não ocorreu por causa de repercussão do caso e da reação de políticos

BRASÍLIA — Apesar das negativas de um “acordão” para evitar a cassação dos senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e José Roberto Arruda (sem-partido-DF), líderes do PFL e do PMDB conversaram intensamente na semana passada para tentar um pacto de não-agressão entre o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), e ACM. Emissários dos dois políticos chegaram a ter encontros paralelos na busca de um entendimento, que acabou não acontecendo depois da repercussão do caso na mídia e na opinião pública, além da reação de políticos dos dois partidos.

Ontem, o próprio Jader admitiu ter conversado com líderes pefelistas sobre o te-

ma. “Eu tenho sido procurado por vários políticos de todos os partidos”, disse o presidente do Senado, evitando porém citar os nomes de seus interlocutores. “Nessas conversas, acontecem especulações de toda a ordem, mas nunca houve formalização de nenhum acordo”, rebateu Jader. “São especulações naturais a respeito de procedimentos.”

O líder do PMDB, senador Renan Calheiros (AL), admite que chegou a conversar rapidamente com o deputado Paulo Magalhães (PFL-BA), sobrinho de ACM. “Sempre fomos amigos”, explicou Renan, que negou qualquer tentativa de pacto com o grupo carlista. “Como fazer qualquer ‘acordão’ sobre algo que está devastando a imagem do Se-

nado?; a opinião pública não perdoaria.” “Nós temos um bom relacionamento”, disse Paulo Magalhães. O deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA) também negou que tenha procurado em nome de ACM qualquer líder peemedebista. “Mas não é de hoje que trabalho pela paz no Congresso”, explicou.

Apesar da negativa de Jader e ACM, ficou a impressão no Senado de que mesmo sem existir um “acordão”, os dois promoveram um pacto de procedimentos. Em seu pronunciamento de ontem, Jader foi enfático ao dizer que não vai mais atacar o senador baiano. “Não serei o algoz

do senador Antonio Carlos”, disse Jader, lembrando que o Senado não deveria ser pautado pela pressão da opinião pública no julgamento de ACM e Arruda. O baiano concordou, e vários senadores ficaram desconfiados. (G.C.)

 PINIÃO
PÚBLICA 'NÃO
PERDOARIA',
DIZ RENAN